



Extinção de aves reduz tamanho de semente de palmito juçara

Um grupo de cientistas estudou detalhadamente a ecologia da palmeira conhecida como **palmito juçara** (*Euterpe edulis*) em 22 áreas na mata atlântica. Os pesquisadores notaram que em locais onde os tucanos haviam sido extintos há mais de 50 anos pela caça ou desmatamento, as palmeiras juçaras produziam frutos pequenos, enquanto em **florestas conservadas**, ainda com as **aves**, as palmeiras possuíam frutos de tamanhos mais variados, pequenos e grandes. O professor Pedro Brancalion, da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq) da USP, em Piracicaba, integrou a equipe da pesquisa, liderada por Mauro Galetti, da Universidade Estadual Paulista (Unesp), em Rio Claro. O resultado do trabalho foi publicado na última edição de maio da revista Science.

“Como consequência da redução da cobertura florestal e da caça, perdemos dispersores de **sementes** de maior porte, sejam eles aves ou mamíferos, por serem mais sensíveis à degradação e também mais caçados pelo homem”, comenta Brancalion. Se os grandes dispersores somem das matas, sobram as aves e animais de menor porte, que não conseguem dispersar plantas com sementes grandes. “Na falta desses animais, as sementes das plantas que dependem de animais dispersores se concentram próximas à planta mãe, prejudicando a regeneração da espécie”.

O palmito juçara é bem conhecido por produzir o palmito, muito consumido na culinária brasileira e por isso hoje ameaçado de extinção. Na Mata Atlântica, o juçara é uma importante fonte alimentar para mais de 50 espécies de aves, como papagaios, sabiás, jacús, arapongas e tucanos. “Muitas aves grandes que consomem frutos são caçadas ou não sobrevivem ao desmatamento e a redução da floresta” relata Mauro Galetti.

Segundo Brancalion, se a mata não tem mais esse tipo de animal perde-se o principal dispersor dos frutos maiores, o que pode comprometer a perpetuação da espécie. “Isso resultou numa mudança genética dessas populações ao longo dos mais de cem anos de fragmentação e defaunação da **Mata Atlântica**, fazendo com que hoje populações de juçara em matas sem tucanos produzam sementes menores”, observa.

Coleta

O professor contribuiu com a coleta de sementes em campo e, além disso, buscou entender quais as consequências da redução do tamanho da semente para a planta. “Foram avaliadas as consequências ecológicas associadas à variação do tamanho da semente na espécie”, conta. “Então observou-se que, com a redução do tamanho, a semente fica mais vulnerável à perda d’água e corre mais riscos de morrer”.

A semente do juçara tem naturalmente alto teor de água e, se perder muito o líquido, morre rapidamente. “Da mesma forma como muitas outras espécies de **florestas tropicais úmidas**, as sementes de juçara não toleram a perda intensa de água, pois são adaptadas a ambientes com solo úmido o ano todo ou, pelo menos, na época de dispersão das sementes”, afirma Brancalion. “Sementes menores apresentam maior superfície de exposição, o que aumenta a intensidade de perda d’água em ambientes secos. Como as sementes de juçara são dispersas principalmente entre os meses de março a junho, período em que se inicia a estação seca, as sementes menores ficam mais vulneráveis”.

De acordo com o professor, “no cenário atual das mudanças climáticas globais, no qual tem-se observado um aumento na intensidade e duração de períodos secos em florestas tropicais úmidas, as sementes menores de juçara tendem a ficar ainda mais vulneráveis, prejudicando a perpetuação da espécie em matas sem grandes dispersores como os tucanos”.

Além de Mauro Galetti e Pedro Brancalion, participaram da pesquisa Roger Guevara, do Instituto de Ecologia (Rede de Biologia Evolutiva), no México, Marina Côrtes, Milton Ribeiro, Abraão Leite, Fábio Labecca e Thiago Ribeiro, da Unesp, Rodrigo Fadini, da Universidade Federal do Oeste do Pará, Sandro Von Matter, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Carolina Carvalho e Rosane Collevatti, da Universidade Federal de Goiás, Mathias Pires e Paulo Guimarães Junior, do Instituto de Biociências (IB) da USP, e Pedro Jordano, da Estação Biológica de Doñana (Espanha).